



SÃO JOÃO BATISTA

HISTÓRICO

João, filho de Zacarias, foi um profeta e místico judeu do primeiro século da era cristã, atuante na região da Judeia, então província do Império Romano. É uma figura importante para a história do Cristianismo, pois é o profeta que anuncia a chegada de Jesus Cristo, seu primo, como o salvador do mundo. Seu pai era sacerdote de um pequeno templo nas montanhas de Judá, provavelmente perto de Hebrom, e era descendente de Abias, um dos sacerdotes do rei judeu Davi. Sua mãe, Isabel, era dedicada ao lar e também descendia de uma linhagem de sacerdotes judeus que vinha desde Arão, irmão do profeta Moisés. Essa linhagem sacerdotal da família de João lhe concederia o prestígio e a fama que o seu curto ministério alcançou (DAVIS, 1987).

Segundo a Bíblia, no evangelho de Lucas [1:5-25; 57-66], o nascimento de João tem um relato milagroso. Zacarias e Isabel eram ambos idosos e não tinham filhos, sendo Isabel considerada estéril. Zacarias cuidava dos seus afazeres no templo, quando o anjo Gabriel apareceu ao seu lado no altar. Assustado, Zacarias fez menção de correr, mas Gabriel o acalma e anuncia que Isabel dará à luz um filho “cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus” (BÍBLIA, 2000, p. 926). A única condição imposta era que o nome da criança fosse João. Zacarias, no entanto, duvidou da

profecia do anjo e foi castigado a permanecer mudo até o nascimento da criança. Quando nasceu o bebê, os parentes insistiam que ele se chamasse Zacarias, como o pai. Mas Isabel e o esposo decidiram que o nome seria João, e nesse momento Zacarias recuperou a voz para comunicar esse desígnio divino.

Ocorre que Isabel era irmã de Maria, esposa de José, da tribo de Judá. No sexto mês de gravidez de Isabel, Maria também recebeu a visita do anjo Gabriel, que lhe anunciou que ela daria à luz ao Filho de Deus, Jesus Cristo. Depois de receber a visita do anjo, Maria foi visitar sua irmã e contar o que havia acontecido. Ao chegar na casa da irmã e cumprimentá-la, o pequeno João, ainda na barriga da mãe, deu um forte chute. Entendendo que algo miraculoso também havia ocorrido com Maria, Isabel disse: “bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre” (BÍBLIA, 2000, p. 927).

A Bíblia não relata como foi a infância de João, nem como era a relação com seu primo Jesus nesse período. Indica apenas que João iniciou suas pregações entre os anos 28 e 29 d.C., “no décimo quinto ano no reinado de Tibério César” (BÍBLIA, 2000, p. 927). Admoestava o povo às margens do rio Jordão, pregando o arrependimento dos pecados e o batismo como sinal de purificação e santidade. Pela prática, passou a ser conhecido como João Batista. Ele, entretanto, considerava seus ensinamentos insuficientes e enfatizava que viria ainda um outro profeta, mais poderoso do que ele. Essa profecia se cumpre quando João Batista tem a honra de batizar seu primo Jesus, ato que marca o início do ministério do Cristo (DAVIS, 1987).

A pregação de João Batista era considerada insidiosa pelas autoridades locais. O próprio João Batista investia contra a suposta hipocrisia dos principais sacerdotes, chamando-os de “raça de víboras” (BÍBLIA, 2000, p. 872). Também não poupou o tetrarca Herodes Antipas, governador da Galileia, por desposar a esposa de seu irmão Felipe, Herodias, o que é considerado adultério pela lei mosaica. A Bíblia conta que Herodes mandou aprisionar João, mas não queria matá-lo, pois temia a reação do povo. No dia de seu aniversário, a filha de Herodias, Salomé (JOSEFO, 1990), dançou para ele. Herodes prometeu, em troca, tudo o que a jovem quisesse e, instruída pela mãe, Salomé pediu a cabeça de João Batista. Contrariado, mas preso ao juramento que fizera, Herodes mandou matar João Batista e entregou sua cabeça às duas mulheres [Mateus 14:1-12] (BÍBLIA, 2000).

O ministério de João Batista não durou mais do que um ano, mas teve grande êxito entre a população da Judeia (DAVIS, 1987). Ele próprio também arregimentou discípulos, como Jesus, que cuidaram de sepultar seu corpo após sua execução (BÍBLIA, 2000). O historiador judeu Flávio Josefo conta que a derrota militar do tetrarca Herodes, em sua guerra contra o rei Aretas de Petra, foi vista entre as camadas populares como um castigo divino pela injusta execução do profeta (JOSEFO, 1990).



Figura 1

Santinho tradicional de São João Batista
Domínio Público

AS FESTAS DE SÃO JOÃO

A tradição católica indica que São João Batista nasceu no dia 24 de junho, que passou a ser o dia dedicado a esse santo. Um caso curioso entre as efemérides litúrgicas, já que o dia de um santo comemora o seu martírio, não o seu nascimento. A festa de São João marca o auge das festas juninas, ou joaninas, que coincidem com o solstício de verão no hemisfério norte e com o de inverno no hemisfério sul. São festejos alegres e coloridos que o Brasil herdou da tradição católica portuguesa (RANGEL, 2008).

As celebrações do santo iniciam-se na noite anterior, quando são acesas fogueiras e fogos de artifício. Como a festa marca o início das colheitas, no hemisfério norte, as fogueiras serviram para espantar os demônios e os maus espíritos, todos os seres sobrenaturais que poderiam atentar contra a fertilidade da terra e das mulheres (CASCUDO, 2000). Entretanto, conta a tradição popular que Santa Isabel teria combinado com Nossa Senhora que ela acenderia uma grande fogueira, para sinalizar à irmã do nascimento do sobrinho. Diz também que os fogos de artifício fazem referência ao fato de São Zacarias ter recobrado a fala junto do nascimento do filho, ambos os acontecimentos muito celebrados por todos (RANGEL, 2008).

A tradição popular também indica que os fogos de artifício serviram para acordar São João Batista, para que ele escapasse do martírio imposto pelo tetrarca Herodes Antipas. Mas a festa de São João celebra o nascimento do santo, e não a sua morte. É provável que essa adição sirva apenas para ilustrar a vida do santo, sem qualquer ligação com as tradições originais da festa. Basta observar que a iconografia mais comum das festas de São João é o seu ex-voto como menino, e não sua figura

adulta (Fig. 1). De qualquer forma, a imagem que se faz de São João dormindo no seu dia é antiquíssima, remontando desde o século XVII (CASCUDO, 2000).

No Brasil, a festa de São João Batista é uma festa primordialmente rural. Tem-se o costume de construir pequenos altares para o santo, enfeitados com folhas e flores, em volta dos quais as pessoas dançam. Uma crendice diz que a moça que deseja se casar deve queimar, no dia de São João Batista, um ramo de manjericão na fogueira do santo e jogá-la no telhado da casa do amado. Todas essas tradições foram candidamente registradas em versos que toda a criança repete com gosto:

Capelinha de melão
É de São João,
É de cravo, é de rosa,
De manjericão.
São João está dormindo,
Não me ouve, não.
Acordai, acordai,
Acordai, João.

O SÃO JOÃO BATISTA DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A estatueta de São João Batista (Fig. 2), em exposição na Casa Museu Eva Klabin, localiza-se na Sala Renascença, ao redor de diversas obras de inestimável valor histórico e artístico desse e de diversos outros períodos, a começar pelo imponente retábulo que lhe garante abrigo. A escultura é feita em terracota modelada e tem tamanho mediano, medindo cerca de 52 centímetros de altura. Sua autoria é desconhecida, porém estima-se que tenha sido feita por volta do século XVII.

Com muito poder de síntese, o artista dessa peça congrega os principais elementos iconográficos de São João Batista, para que sua identificação fosse precisa. Destacam-se a sua espessa barba e o seu torso nu, com o resto do corpo coberto por panos pesados e nada régios, indignos de um santo para os olhos desatentos. Faz-se assim referência, conforme a narrativa bíblica, ao fato de João Batista pregar no deserto, vestido com peles de camelo e alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre [Mateus 3:4] (BÍBLIA, 2000). Para a tradição judaica, a figura de João Batista remeteria imediatamente ao profeta Elias, que também cultivava esses mesmos hábitos simbolizando “o desprezo do mundo com seus refinamentos” (DAVIS, 1987, p. 327).

A falta do braço esquerdo na peça obriga uma leitura hipotética do seu gestual. Provavelmente trazia ali uma vara com uma cruz na ponta, alusão à mensagem do evangelho por ele anunciada. Seu braço direito aponta para si, que seria o gesto



Figura 2

São João Batista, c. 1598-1680

Terracota modelada

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

complementar da cruz na mão esquerda. João, assim, coloca-se como o mensageiro que viria preparar e anunciar o ministério do verdadeiro Salvador. Aos seus pés vemos um pequeno cordeiro, animal símbolo de sacrifício e santidade, também atribuído como símbolo do sacrifício de Jesus pela remissão dos pecados (DAVIS, 1987).

A figura do Batista apresenta contornos altamente dramáticos, condizente com a época em que foi feita. Sua feição é séria e rigorosa, como se o artista captasse o profeta no meio de uma de suas enérgicas pregações. O movimento do corpo atíça suas vestes, que parecem também animadas por um vento sobrenatural, fazendo parecer que o corpo do João Batista levita sobre o chão, acima das pessoas que ele parece olhar de cima. A crise advinda da reforma protestante alemã colocou a Igreja Católica diante de “um problema de consciência” (HAUSER, 1992. p. 103, trad.) que a simples pregação moral não parecia resolver. Associada com escândalos de usura e simonia, o clero católico não dispunha de moral alguma para admoestar seus fiéis.

Era necessário também reformar a igreja romana, de forma que ela recuperasse sua credibilidade moral diante dos fiéis. A linguagem visual da contrarreforma serviria como peça de propaganda eclesiástica, a fim de torná-la novamente a religião do

povo. Para isso era necessário “desenhar uma linha de demarcação entre ortodoxia e heresia” (HAUSER, 1992. p. 110, trad.). Se não era mais possível a unidade entre os cristãos europeus, se fazia necessário pontuar que a Igreja Católica era a igreja primordial, guardiã do ministério de Cristo, dos apóstolos e dos santos. Uma imagem realista de São João Batista, tal qual se observa na escultura, comunica mais do que a aparente virilidade do homem, e sim a obstinada espiritualidade do santo. O exemplo de São João Batista, como dos demais santos e mártires, auxiliava a igreja e seus fiéis a trilharem juntos o caminho da retidão.

SÃO JOÃO BATISTA NA ARTE

São João Batista é o santo padroeiro da cidade de Florença e, por isso, não é de surpreender que os artistas renascentistas tivessem certa predileção pela vida do santo. Domenico Ghirlandaio recebeu a encomenda de decorar a capela de Giovanni Tornabuoni, na Igreja de Santa Maria Novella, com afrescos sobre a vida do santo, que também era o santo de devoção da família. A primeira cena é a *Aparição do Anjo à São Zacarias* (Fig. 3), que retrata a cena bíblica da anunciação do nascimento de São João Batista. Centralizados no afresco vemos o aterrorizado São Zacarias sendo

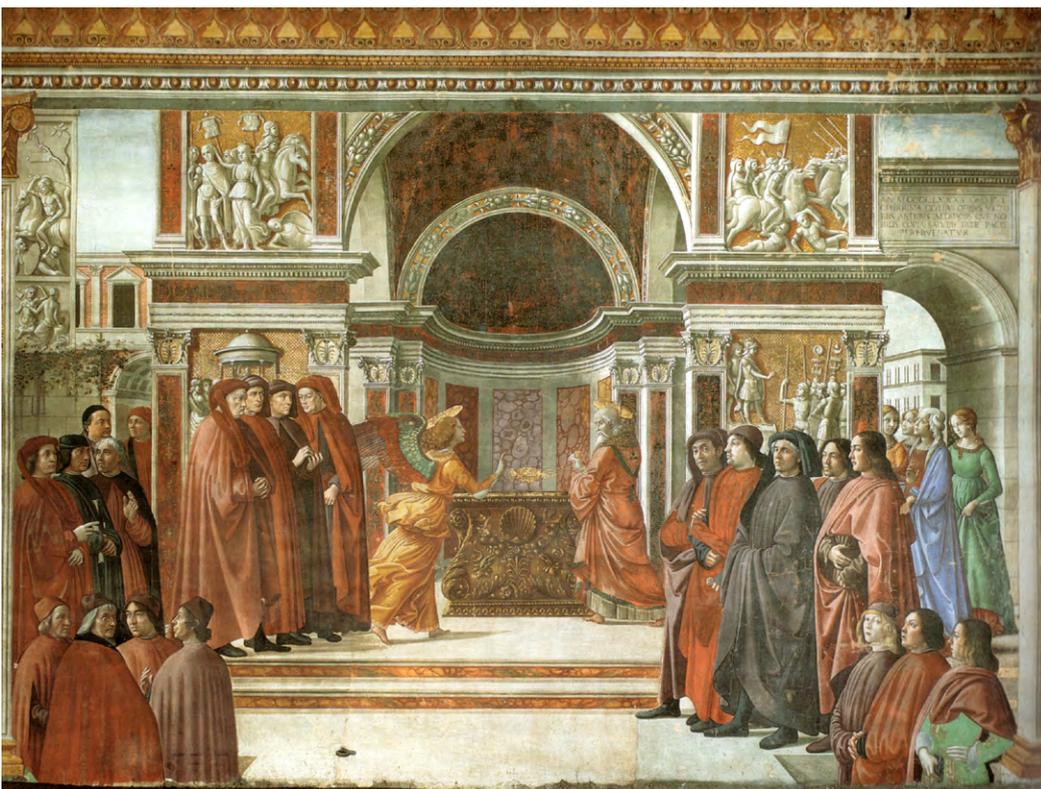


Figura 3

Domenico Ghirlandaio

(1448-1494)

A aparição do Anjo à

São Zacarias, c. 1485-1490

Afresco

Florença, Capela Tornabuoni –

Igreja de Santa Maria Novella (IT)

acalmado pelo anjo Gabriel, aos pés do altar do templo. Ao redor deles, uma plêiade de figuras que não fazem parte da cena, mas observam a tudo como espectadores privilegiados do acontecimento sacro. Ali pode-se ver o próprio Giovanni Tornabuoni e seus parentes, bem como as mais eminentes figuras da política florentina, como os humanistas Angelo Poliziano e Cristoforo Landino, conselheiros de Lorenzo de Medici. Ao mesmo tempo em que Tornabuoni imortalizava-se aos olhos dos florentinos, agraciava os mandatários com laudas homenagens que fortaleciam suas alianças político-econômicas (HAUSER, 1992).

A pintura *Sagrada Família e São João Batista criança* (Fig. 4), de Bernardo Strozzi, integra a coleção de arte italiana da CMEK, na mesma Sala Renascença onde se encontra a estátua de São João Batista. Strozzi coloca o infante João Batista no contexto doméstico da infância de Cristo, enfatizando os laços sanguíneos e



Figura 4

Bernardo Strozzi (1581-1644)

A Sagrada Família e São João Batista criança, c. 1620-1625

Óleo sobre tela

Rio de Janeiro, Casa Museu

Eva Klabin (BR)

espirituais que unem as duas figuras. Ali se encontra a iconografia usual do Batista, vestido de peles e trazendo a vara com a cruz na ponta. Dela pende uma faixa onde se lê *AGNUS DEI*, alusão à imagem de Cristo como cordeiro imolado pelos pecados do mundo. Aos pés do menino João Batista, enfatizando a mensagem sacrificial de Jesus, vê-se ainda um pequeno cordeiro. Os contrastes de luz e de sombra na tela constrói uma narrativa hierárquica e didática, que coloca os personagens em perspectiva de acordo com a sua importância na teologia católica, condizente com o momento contrarreformista da igreja romana (MIGLIACCIO, 2007).

O *São João Batista* de Leonardo da Vinci (Fig. 5) antecipa cronologicamente o quadro de Strozzi na construção técnica dos contrastes de luz, porém usa tal recurso com um outro propósito. Aqui vê-se o Batista já adulto, mirando o espectador com olhar difuso, aparentemente jocoso. Seus atributos estão presentes no quadro, mas ficam em segundo plano, quase imperceptíveis pelo característico *sfumato* dos trabalhos de Leonardo. Vê-se apenas um pálido feixe de luz que ilumina o santo, que aponta para os céus. O gesto de João Batista não deixa dúvidas de que a mensagem salvífica do Cristianismo vem dos céus, pela fé. E o tratamento luminoso do painel

Figura 5

Leonardo da Vinci (1543-1519)

São João Batista, c. 1513-1516

Óleo sobre madeira

Paris, Museu do Louvre (FR)

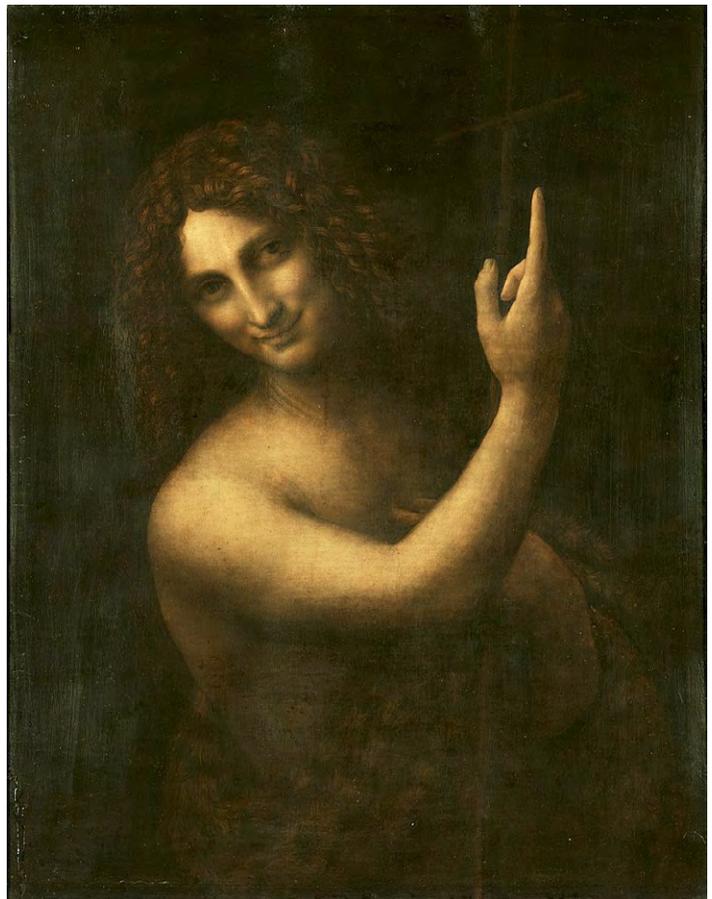




Figura 6

Pieter de Grebber (1600-1653)

São João Batista e Herodes, c. século XVII

Óleo sobre tela

Lille, Museu de Belas Artes (FR)

indica o trabalho científico de Leonardo no estudo físico da luz, e como seus efeitos criam uma expressividade poética para a pintura (BAROLSKI, 1999).

Não muito usual em representações de São João Batista, o encontro entre o santo e o tetrarca Herodes Antipas recebeu tratamento do pintor neerlandês Pieter de Grebber (Fig. 6). Nela observa-se o sério João Batista, à esquerda, apontando o dedo para o tetrarca, à sua frente, como que repreendendo o pecado de adultério do monarca. A distinção entre suas roupas é enorme, onde o monarca exibe todo o luxo de suas vestes reais, enquanto Batista veste-se apenas com suas costumeiras peles. Ao lado de Herodes vemos Herodias, a encarar o marido como que escrutinando sua reação diante da audácia do profeta. Ao redor deles, populares e transeuntes observam a altercação com perplexidade, mas que exalta entre eles a posição do profeta como enviado divino.

BIBLIOGRAFIA

BAROLSKI, Paul. *The Mysterious Meaning of Leonardo's Saint John The Baptist*.

In: FARAGO, Claire. *Leonardo Da Vinci: Selected Scholarship*. v 3. New York; London: Garland Publishing Inc., 1999.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Referência Thompson*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição contemporânea. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 2000.

HAUSER, Arnold. *Social History of Art: Renaissance, Mannerism, Baroque*. v 2. London: Routledge, 1992.

JOÃO (SÃO). In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 2000.

JOÃO BATISTA. In: DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. *Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história*. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.